

A mídia na contramão dos princípios da alteridade
Análise qualitativa dos cadernos Mundo da Folha de S. Paulo e Internacional do
Estado de S. Paulo¹.

Ingrid GOMES²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.

RESUMO:

O presente paper pretende analisar qualitativamente os jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, em específico o Caderno Mundo e Internacional, respectivamente, aos domingos. O período de análise é o mês de março (dias 01, 08, 15, 22 e 29). Foi selecionado o método de análise de conteúdo (BARDIN, 1977; KRIPPENDORFF, 1990; FONSECA, 2006). As principais referências teóricas para fundamentação do paper são ligadas aos conceitos de alteridade (LÉVINAS, 2004; ARRUDA, 2002; HALL, 2000) e pós-modernidade (EAGLETON, 1998; BAUMAN, 2007; GIDDENS, 2003; HARVEY, 1992; JAMESON, 2005; KELLNER, 2001; SANTOS, 1995; SENNET, 1999), além do entendimento teórico sobre jornalismo (PRADO, 2003; MORETZSOHN, 2007; MOTTA, 2002; CHOMSKY, 2003). Com isso o paper vislumbrou a ausência de alteridade e de multiperspectivismo cultural nas reportagens analisadas, determinando olhar de confronto e de preconceito social.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; Jornalismo Impresso; Crítica de Mídia; Análise Qualitativa.

O presente artigo pretende visualizar por meio da análise do caderno Mundo da Folha de S. Paulo e do Internacional do Estado de S. Paulo, no período do mês de março de 2009, e em específico, aos domingos, a maneira como a cognição das informações nas reportagens e nas notícias demonstra um discurso de antagonismo entre os contextos e personagens envolvidos³.

Parte-se do princípio de que as palavras denotam um posicionamento performático⁴, ou seja, intencionam ações. Para tanto o teórico e professor de Comunicação Social, Aidar Prado comenta sobre o entendimento de um discurso performático: “As palavras podem ferir, retirar o contexto: receber uma agressão verbal é como tomar um tapa na cara. Ser nomeado pode ser traumático, pois coloca performativamente o sujeito num lugar disforizado de discurso, causando um incômodo corporal” (PRADO, 2003, p.03). Nesse sentido o peso dos sentidos que expressam as

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), orientação: Prof. Dr. José Salvador Faro. Mestra em Comunicação Social pela UMESp, Especialista em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e graduada em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba. Foi sócia fundadora da Empresa Saúde S/a em São Paulo, onde era redatora editorial, e trabalhou como Jornalista Responsável na editora Latin Med em Piracicaba e, posteriormente, São Paulo. E-mail: ingridgomessp@yahoo.com.br.

³ Apenas entraram nas análises as informações que demonstraram discurso de confronto e ausência de alteridade.

⁴ A ideia de performático segundo Austin (apud Prado, 2003, p.01) é quando a “(...) linguagem não é mais pensada exclusivamente como comunicação de sentido, que escorre de um enunciador, via um canal, rumo a um enunciatário, mas um campo em que palavras têm força de lei”.

palavras e a conjuntura a qual elas são inseridas interfere e limita o pensamento dos receptores, no caso da análise, dos leitores. Além do entendimento prévio do discurso performático das palavras é importante contextualizar o conceito de alteridade e sua ligação com o período histórico vivido.

Um agravante histórico da unilateralidade do discurso jornalístico é a exoneração do outro: “(...) ‘para a organização de uma imagem de natureza pedagógica e tirânica’, em que ‘as informações oferecidas ao leitor constroem uma percepção unívoca do universo através de um significado moral construído em meio à descrição” (ARRUDA, 2002, p.25). Portanto o conceito de alteridade como pluralidade de valores que determinam como olhar e diferenciar o outro, possibilita uma ideia multiperspectívica incorporando o outro diferente na sua diferença e não no seu estereótipo ou simplificação. Entende-se que o desconhecimento da alteridade, o desrespeito a diferenciação, pode gerar contundentemente à um processo de exclusão.

Nessa vertente ressalta-se a ponte histórica do conceito de alteridade com o período da pós-modernidade⁵.

“A construção da alteridade e do mesmo se move ao compasso das conjunturas históricas. As mudanças de representações hegemônicas correspondem a novas necessidades coletivas, oriundas da renovação de projetos políticos, econômicos, sociais, de situações culturais e outras.” (ARRUDA, 2002, p.41).

Por isso que a alteridade hoje está inclusa na idéia da pós-modernidade e acaba refletindo a indiferença e o vazio do humano desse tempo histórico.

Análises

Nas análises do material jornalístico do Jornal Estado de S. Paulo, no caderno internacional do domingo dia 01º de março, a editoria conteve oito páginas de conteúdo. Na primeira A-12, o título da reportagem escrita pela correspondente em Washington, Patrícia Campos Mello, já denota ideias vinculadas a sentidos conflituosos. “Obama

⁵ A passagem da modernidade sólida para a “outra” modernidade, a líquida, bem como a ideia da fluidez das relações sociais que se moldam dependendo do espaço que ocupam, portanto transitórias por natureza (BAUMAN, 2001;2007). Outra questão do período histórico: a ambigüidade do efêmero e do imutável a exemplo do capitalismo, e a alteração da relação de espaço e tempo (HARVEY, 1992). Na área mais específica da cultura, a criação de estereótipos pela cultura da mídia que produziu novos modelos de valores e pensamentos, substituindo instituições como a igreja ou a escola, e moldando o sujeito de acordo com o gosto e pensamento da cultura de massa, incluindo absurdas quantidades de informação e imagens sobrecarregando o indivíduo (KELLNER, 2001). Para Sennett (1999), algumas mudanças que ocorreram a partir do século XVIII influíram na percepção que as pessoas tinham de um domínio de vida pública e de um domínio privado. A obra de GUIDDENS, Anthony, Mundo em descontrol (2003) também é imprescindível para descrever a tendência da modernidade tardia na globalização. “Vivemos num mundo de transformações que afetam quase todos os aspectos do que fazemos para o bem ou para o mal. Estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente, mas cujos efeitos fazem sentir sobre todos nós” (GUIDDENS, 2003, p.78).

adota diplomacia *agressiva*". A palavra em itálico "agressiva" é retomada ao longo do texto, em específico logo no primeiro parágrafo. E sua interferência na formação discursiva da reportagem por ser forte e de expressão negativa é clara e de impacto na leitura. No parágrafo: "(...) Barack Obama, nestes primeiros dias de governo, dá mostra da agressividade com que pretende recuperar a confiança mundial na capacidade diplomática dos EUA." Os termos "agressiva" e "agressividade" do título e do lead, respectivamente, dizem respeito ao discurso de Obama, remetendo sua fala a um teor valorativo de mudança radical na política econômica estadunidense. A radicalidade expressa na ideia do agressivo na reportagem permite à leitura um posicionamento de confronto, e, mesmo de violência, situação em que é mais comum a utilização do termo agressiva e agressividade.

Na mesma tendência discursiva a repórter reforça a característica de valorização de confronto:

"Com o anúncio, na sexta-feira, de retirada das tropas de combate que estão no Iraque até agosto de 2010 e a intenção de envolver Irã e Síria – dois da série de *arqui-inimigos* eleita na era de George W. Bush – em conversações 'sustentadas', Obama deixa claro que sua opção pelo 'smart power' (poder inteligente, a tese que privilegia a opção do diálogo, sem abrir mão do poder de pressão da força militar)" e "Além da meta de relegar ao passado a impopular guerra no Iraque, reforçar o contingente *no cada dia mais explosivo* Afeganistão e conter – pela via da pressão e da diplomacia – as pressões nucleares de Irã e Coréia do Norte, um time de enviados especiais está cruzando o mundo para cuidar das áreas mais delicadas da política externa dos EUA."

A expressão *arqui-inimigos* (itálicos da autora) e a opinião sobre o país afegão "no cada dia mais explosivo" problematizam a linha do conteúdo publicizado na reportagem, viabilizando seu entendimento a um olhar negativo de alteridade e, além disso, fragmentado. Consolidam, nesse sentido, o arquétipo do Oriente Médio, de situarem sempre uma figura em contraponto à americana e da democracia, bem como do posicionamento de perpetuarem historicamente um campo de batalha. A exposição do termo *arqui-inimigos* ao Irã e a Síria em relação aos Estados Unidos intensifica esse manifesto de grupamento de amigos e inimigos da época das guerras mundiais. Expressão forte que remete a um estatuto ainda maior e mais pesado que simplesmente inimigo, algo como os "mais-mais" que inimigos, simbolicamente, comparado com vilões, antagonistas, pois também aproxima da analogia dos quadrinhos, estilo mocinho-vilão, e nessa aproximação os *arqui-inimigos* representam tanto um olhar negativo a falta de diplomacia da era Bush Filho como um enquadramento positivo a maneira de

direção diplomática do novo governo, e claro, uma visão de combate aos países de não apoio ao americano, em especial aos vilões Irã e Síria.

Na finalização da reportagem, Patrícia Campos Mello propõe na fala de analistas certo perigo do envio de tantos especialistas aos países-problema, a mando de Obama.

“Analistas apontam para o perigo de ter tantos enviados especialistas e assessores cuidando de questões importantes. *A colisão de egos entre tantos figurões que são enviados especiais* já teria começado, com a interferência de Holbrooke para a nomeação de seu amigo Christopher Hill como embaixador no Iraque, no lugar de Anthony Zinni, que foi ‘desconvidado’”.

No decorrer da reportagem até o término a repórter tem como fontes de sustentação para esses “analistas”, dois especialistas, um a favor desse envio, dizendo que o diálogo só pode avançar nessa equipe e outro dizendo que mesmo com vários enviados especiais os EUA ainda não têm definições para grande parte das questões externas. A fala dessas fontes contextualizaria por si só uma dicotomia informativa do fato, mas com a introdução do debate na finalização a repórter posiciona um olhar de confronto que percorreu a reportagem. “A colisão de egos entre tantos figurões que são enviados especiais (...)”, visualiza-se a ideia de ressaltar juízo de valor a cerca das pessoas e o que elas representam no contexto citado. Primeiro a questão do confronto de “colisão”, ainda, de “egos” e a máxima da expressão pejorativa e irônica “figurões”.

Na página A13, de chapéu “Guerra sem fim”, a reportagem de título “Queda do petróleo mina reconstrução do Iraque”, dos repórteres Campbell Robertson e James Glanz que escrevem de Bagdá para o diário The New York Times. Na reportagem que expõe sobre o quanto a crise financeira mundial atrapalhou o setor de investimento em infraestrutura no Iraque a retomar suas mudanças. Nesse sentido os repórteres desenvolvem argumentos dissertativos sobre a informação de maneira em que o país americano tornou-se, com as colaborações financeiras que têm realizado no Iraque, segundo as fontes dos próprios jornalistas, uma organização de apoio a reconstrução do Iraque por conta do povo americano. Entretanto, fazem isso se utilizando de parágrafos e expressões de julgamento⁶ e, de fundo, que incentive um clima de desentendimento e aspereza entre os dois países envolvidos. Verifica-se por meio do parágrafo: “Em meados do ano passado, com os preços do petróleo acima de US\$100 o barril, o Iraque estava tão forrado de dinheiro que muitos nos Estados Unidos argumentavam que um país tão rico deveria estar pagando por sua reconstrução.” E “Seis meses depois, a

⁶ O presente trabalho visualiza a ausência de fontes especializadas e primárias para compactuarem com as informações transmitidas mas não inclui isso como unidade de análise para a pesquisa.

questão é se uma queda na arrecadação do governo iraquiano, que depende quase inteiramente do petróleo, poderia ameaçar a relativa segurança e estabilidade obtida ao custo de tantos recursos e vidas americanas.”

A ideia de pressionarem a retirada das tropas americanas do país iraquiano é clara; contudo, realizam nas entrelinhas do discurso afirmações de disputa e de confronto entre os envolvidos. Outro fator na reportagem é a questão de bancos americanos receberem investidores iraquianos do petróleo. Uma parte considerável dos rendimentos do petróleo iraquiano encontra-se em contas bancárias americanas, e com a ideia de atrelar a retirada desse investimento dos bancos americanos, o quê seria outro prejuízo, os repórteres enfatizam que o dinheiro retirado não seria suficiente para suprir os gastos necessários na reconstrução do Iraque: “Para ajudar a tapar o buraco, o Iraque pretende sacar em torno de US\$20 bilhões em um único ano. Mas isso, dizem autoridades federais, não seria suficiente para salvar projetos de reconstrução essenciais para melhorar serviços gravemente imperfeitos”. Na explanação perpetua-se o problema de manipulação de diretrizes político-econômicas dos Estados Unidos ao Iraque, mantendo o primeiro como gerenciador das decisões importantes do país oriental.

As páginas A-16 e A-17 são espelhadas. No início da A-16 que estende lateralmente à A-17 a reportagem: “Medvedev tenta marcar estilo próprio no Kremlin”, escrita por Pillar Bonet de Moscou para o El País. Nela visualiza-se a repórter realizar um ensaio, apenas há fonte documental que mostra uma lista de políticos publicada pelo governo, mas com aspecto discursivo de reportagem, inclusive título e linha fina. A ideia geral do texto é mostrar que diante do atual impasse financeiro mundial Medvedev pressionado mostrará independência de decisão do ex-presidente da Rússia, Vladimir Putin. A partir disso é contextualizado a gerencia política de Medvedev nos dez meses de governo. Nisso se levanta a questão da destituição de quatro governadores de províncias que Medvedev realizou, bem como a publicação de uma lista de cem nomes que podem vir a ser chamados ao longo do seu mandato para exercerem cargos públicos. A repórter compara a lista com a época do sistema comunista no país: “Ela lembra as antigas listas secretas da Nomenklatura comunista, com nomes das promessas do regime.” E qual seria a idéia dessa comparação? No parágrafo seguinte que é intermediado por um intertítulo “Encruzilhada”, intensifica a ideia:

“Por causa da crise, Medvedev está hoje numa encruzilhada, semelhante àquela com que Mikhail Gorbachev se deparou no início dos anos 80. A crise do sistema soviético impulsionou as reformas da perestroika em grande parte porque os cidadãos estavam fartos da

penúria material causada pela corrida armamentista. Hoje, as dificuldades econômicas agravaram alguns problemas não resolvidos na Rússia, entre eles a diferença entre uma casta de privilegiados, que desfruta de um sistema de favores por sua proximidade com o poder, e a população em geral.”

São momentos históricos diferentes citados na comparação de Pillar Bonet, o atual e o da década de 80. Entretanto a ideia de comparar esses momentos ressalta o país russo como ainda conservador e monolítico nos moldes da época de 80, quando o sistema político era outro, e, segundo Pillar, nada saudável para a economia russa. A comparação ao lembrar o momento político da Rússia no esquema de “Nomenklatura comunista” problematiza os passos da atual gestão política, como frágil e dependente das políticas internas do país. Contudo nessa comparação é reforçado “o lado” que o governante, e a própria Rússia devem ficar, ou seja, esquecer os alinhamentos da política dos anos anteriores, e para isso a repórter lança argumentos, que deve ocorrer a separação de Medvedev com Putin, faz isso com tom de confronto político e no clima de desentendimento:

“No momento não há provas fragrantas de uma falta de harmonia entre Putin e Medvedev, embora existam tensões entre suas equipes. Muitos acham que, para usar uma imagem africana, o jovem ainda não cumpriu o rito de matar o leão para se tornar um guerreiro. Ou, em linguagem freudiana, não matou o pai para se tornar um adulto.”

Na reportagem: “‘Regenerado’, Kadafi supera isolamento líbio”, de chapéu: “Líbia”, a repórter Luciana Alvarez utiliza-se de fontes ocidentais para descrever a atuação do líder “regenerado” do Líbano. Afirma que o líder Muamar Kadafi deixou de ser o “‘cachorro louco’ do Oriente Médio, como o chamava o ex-presidente americano Ronald Reagan, para tornar-se um aliado cortejado pelas potências.” Nesse sentido visualiza-se um posicionamento de enfrentamento do Oriente Médio, que representa o líder libanês, com os países mais ricos, do Ocidente. “‘Ele é um político inteligente, percebeu que o confronto com o Ocidente não era uma boa ideia porque o Ocidente é muito mais forte’”, afirmou o pesquisador do Centro de Estudos Internacionais da Universidade Cambridge, George Joffé. A intensificação do enquadramento de disputa entre Oriente e Ocidente é retomada, com vigor moderno e autenticação da fonte.

Para encerrar o caderno internacional há uma nota da agência AFP que problematiza por expressões de confronto uma decisão do presidente da Venezuela, Hugo Chávez e os empresários do ramo de processadores de arroz. Na nota Hugo Chávez “(...) ameaçou expropriar as que não colaborem no cumprimento das metas de

produção estabelecidas pelo seu governo”, entretanto logo no terceiro parágrafo a nota cita, sem fonte, que “entre as empresas que produzem arroz na Venezuela estão a americana Cargill e a Polar, de capital venezuelano.” Com isso no entendimento da leitura apenas inclui a decisão de Chávez às processadoras de arroz americanas, estimulando o desajuste político entre os países envolvidos. No encerramento da nota há a seguinte afirmativa: “(...) O governo acusa os empresários de estocarem produtos para estimular a alta de preços.” Na frase especulativa reforça a ideia de que apenas essas duas empresas é que são ocupadas para garantir metas, pois a frase: “entre as empresas que produzem arroz na Venezuela estão a americana Cargill e a Polar, de capital venezuelano”, situa-se entre a afirmação de Chávez de ordenação e da frase que o governo acusa os empresários, culpando-os da escassez do arroz à população venezuelana.

No início das análises da Folha de S. Paulo, do domingo 01º de março, com sete páginas de conteúdo jornalístico, o veículo aborda na reportagem: “Obama põe educação no topo de agenda e planeja reforma”, de Andrea Murta de Nova York, sinaliza, ao expor o plano de governo do novo presidente americano para a área educacional, expressões e comparações retóricas que trazem tom de desconfiança à ação prática do novo governo. Ao longo da reportagem após citar quanto Obama deseja investir na área e em que projetos específicos, a repórter lembra o leitor, do projeto de governo de Bush, suas promessas à área, e a falta de apreciação política conjuntural do seu governo à educação americana. Nesse link Andrea resgata a imagem que o programa de educação nos anos Bush denotou, escrevendo as “(...) sugestões irônicas aventadas pela mídia”, como “Nenhum Espertinho Ficarà para Trás” e “Nenhuma Criança Ficarà sem Teste”. Ao denegrir a imagem do programa educacional realizado nos anos Bush e remeter uma aproximação e, em certo sentido comparação, ao planejamento educacional de Obama a reportagem desqualifica a priori da atividade em prática o entendimento da área educacional que Obama discute na agenda política governamental. Isso se afirma no final do texto: “O presidente ainda precisará dobrar a resistência de republicanos e democratas mais conservadores na área fiscal para aprovar seu Orçamento. Esforço e oratória, no passado, não chegaram muito longe.” O resgate aos percalços de Bush na área educacional ecoa na aproximação da mesma por Obama, esse olhar de desconfiança e ceticismo justifica o segundo parágrafo em que a repórter define por “revolução prometida” o novo projeto do presidente americano.

No início da edição do dia 08 de março, o Estado de S. Paulo, com apenas seis páginas de conteúdo, na reportagem da página A-16, intitulada “Muçulmanos põem em xeque preceitos de ‘pai’ da pátria”, o repórter enviado especial a Istambul, Gustavo Chacra, inicia a reportagem recorrendo a comparação do governo da Turquia com a Venezuela. “A política interna da Turquia lembra a Venezuela”. Talvez com a ideia de facilitar ao leitor não acostumado ao cenário político do Oriente Médio, entretanto a tensão que é causada pela aproximação análoga é confrontiva e não discursiva respeitando as características, a alteridade plena, de outros cenários com regimes políticos diferentes.

O contexto de Hugo Chávez na Venezuela é outro, principalmente em ordem cultural-religiosa, e isso além de descontextualizar a comparação, permite a latente imagem anti-democrática de Chávez deturpar a configuração “diplomática” do primeiro-ministro, Recep Tayyip Erdogan, da Turquia.

“Apesar da vitória, Erdogan e o AKP sentiram-se traídos e acusaram a oposição secular de tentativa de golpe, de uma forma similar a Hugo Chávez em 2002, quando o presidente venezuelano foi removido do poder por alguns dias. Assim como Chávez, eles disseram ser perseguidos pela elite tradicional.”

Para finalizar, a reportagem são ouvidos, aparentemente, como fontes testemunhais, jovens da elite secular que estudaram nos EUA, sobre o governo da Turquia.

“Em um restaurante do bairro boêmio de Istklal, no centro de Istambul, um grupo de jovens da elite secular turca que estudaram nos EUA disseram que o AKP tem sim uma agenda islâmica escondida. Mas o problema, para eles, é que membros da oposição secular estão envolvidos em corrupção.”

Por que ressaltar fontes de jovens que estudaram nos EUA? Com essa postura, e ainda em fechar a reportagem, norteia um entendimento de superioridade do pensar “americano”, mesmo sendo turco, pela lógica desenvolvida no texto analisado, um jovem turco com preceitos americanos seria essencial no fechamento opinativo da discussão da reportagem. Revigorando, assim, um imperialismo político e mesmo ideológico acerca das questões no Oriente Médio. Até porque na fala dos jovens nem o lado secular seria viável nem o islâmico do primeiro-ministro, ou seja, uma intervenção “diplomática” americana para mediar a conversa entre os grupos é essencial, pois os americanos, no caso, teriam maior habilidade política e tom democrático.

Na reportagem ao lado desta, enquadra-se a Turquia como possível problema religioso, “Turquia *acena* para mundo islâmico.” A palavra *acena* (em itálico) vislumbra uma possibilidade real de aproximação radical do mundo turco com a religião islâmica, completando a formulação argumentativa da reportagem anterior.

Na reportagem da página A-18, “Raúl militariza governo contra crise”, Ruth Costas escreve sobre a troca de cargos do ministério cubano, em que 12 ministros foram destituídos. Nisso a repórter utiliza expressões e argumentos irônicos, com o sentido de não respeitar a alteridade do contexto político local de Cuba. Ela inicia: “A crise global pode ser capitalista, como gosta de dizer o líder Fidel Castro, mas o socialismo de Cuba não deve passar incólume.” E vai além num tom de provocação: “Quanto maior o salto, maior o tombo, diz o ditado popular. Por essa lógica, Cuba deveria estar tranqüila com a atual crise financeira”, a ponto da mudança dos ministérios ser uma decisão puramente defensiva de retaliações populares.

“Afim, nos anos em que os países capitalistas da região viviam uma euforia de consumo, investimentos e especulação financeira, a ilha lutava sem muito sucesso para reerguer sua cambalida economia – atingida pela tradicional falta de dinamismo e investimentos e, em 2008, por três furacões.”

Contudo faz uso de discurso depreciativo e provocativo, consolidando imagem negativa à política da ilha cubana, em específico, aos governantes dela.

Na Folha de S. Paulo do dia 08 de março tem oito páginas de conteúdo jornalístico, na análise inicial a reportagem do repórter Sérgio Dávila expõe sobre a mudança de foco no relatório americano, da dedicação às atividades terroristas passaram a centralizar a atual geopolítica da instabilidade econômica mundial. Nesse sentido com base em uma fonte oficial, do Diretor Nacional de Inteligências dos EUA, Dennis Blair, Dávila problematizou que se a crise econômica pendurar dois anos a chance de instabilidade econômica pode ameaçar regimes políticos. A ideia faz jus ao título: “Instabilidade econômica vira caso de política”. A especulação dessa informação é justificada como fato jornalístico, por ser informações advindas de pesquisa da CIA, como se explica ao longo da reportagem. Entretanto a outra fonte, secundária, de um historiador, que o repórter traz para sair do oficialismo é justamente um argumento confrontivo do novo “eixo” do governo Obama. O historiador Niall Ferguson cunhou o termo “eixo do tumulto” em inglês “axis of upheaval” que entrou como um relatório-lista de problemas internacionais em que os EUA deve se ater; o termo, como comenta o repórter, entrou no lugar do “eixo do mal”, em inglês, “axis of evil”, da “era de Bush”.

A retomada da expressão “eixo do mal”, determinada no exercício das atividades políticas do ex-presidente americano, Bush, e a aproximação da mesma com as primeiras decisões do novo governo americano de Obama, propõe-se na sutil comparação, possível desgaste diplomático, ao passo que se denota um consenso negativo e, ao mesmo tempo polarizado, da ideia de “eixo do mal”. A atual proposta de “eixo do tumulto” já sofre pelo precedente comparativo um desgaste e uma imagem conturbada e não neutra, muito menos positiva. Contudo, a reportagem acaba gerando com essa exposição a construção dos EUA na retaguarda de gestor político mundial, comandando subliminarmente uma ideia imperialista de governo.

Mesmo se apoiando na fala o historiador, Dávila cria um clima na reportagem que naturaliza a soberania dos EUA de governar e poder desenvolver comportamento incisório na política externa. A condução da reportagem nesse sentido, sem problematizá-la leva a informação a se apoiar num sentido de confronto e ausência de alteridade.

Abaixo da fotografia, que ilustra a reportagem ao lado, há um infográfico explicativo de título: “Na mira da CIA”, e linha fina: “Principais focos de instabilidade ficam sob foco da inteligência americana”. No infográfico explica-se o que a CIA visualiza como problema aos EUA em decorrência da atual instabilidade econômica, mas não cita o relatório da CIA como fonte do infográfico. No tópico de “crise humanitária”, há o desenho de uma caveira, de significado da morte e também de medo, terror, não permitido, tóxico, dependendo do contexto a ser empregado; no item está escrito: “o temor é que a queda de crescimento global afete o continente mais pobre do mundo como um todo, causando uma crise humanitária sem precedentes e desestabilizando governos fracos, principalmente na zona subsaariana”, se referindo no desenho ao continente africano.

No outro item sobre “Petro-Estados” afirma a diminuição do valor do barril do petróleo, de título “Instabilidade”, afirma-se: “Há o outro lado da moeda: o enfraquecimento das atuais administrações venezuelana, russa e iraniana não é necessariamente má notícia para os EUA”, em que o repórter coloca em confronto os países citados com os EUA. Da mesma forma que ao falar de um possível retorno dos países do leste europeu com a influência Rússia, em razão da grave crise econômica, ressalta em vermelho no título: “Sombra Russa”.

Os elementos em destaque na análise do infográfico prejudicam um entendimento de alteridade, pois a cada estereótipo encontra-se uma afirmação

especulativa e de caráter moralizante, vinculando os sentidos às formas de: mal (no caso da caveira); levar vantagem (no caso da baixa do Petróleo) e inimigo (no caso da “sombra da Rússia”). A narração discursiva com essa abordagem destoa do multilateralismo político e cristaliza a ideia de que ao falar de temas político-internacionais deve prevalecer o confronto e a diferença imperialista-subordinado ente os citados. Postura que ausenta a alteridade.

No diário Estado de S. Paulo⁷ do dia 15 de março, nove páginas de conteúdo jornalístico, a repórter Renata Miranda na reportagem: “EUA investem em defesa cibernética”, indaga que após o anúncio da retirada das tropas americanas do Iraque até agosto de 2010, o presidente Obama “resolveu atacar em outro front: a internet”. A afirmação com tom de enfrentamento sugere que Obama vá entrar numa guerra nova, e que também costuma “atacar” em outras frentes de batalha. A frase está como introdução de parágrafo⁸, então, logo no início a repórter ao entrar na discussão principal já nega a alteridade, no título, com a justificativa de “chamar a atenção” do leitor.

Outro momento na reportagem próximo a esse enfrentamento está na afirmação: “(...) informações detalhadas sobre planos militares vazassem para as mãos de grupos ou Estados inimigos, debilitando as estratégias do Exército (...)”. A expressão de inimigo reafirma a construção de um cenário de guerra e disputa política e militar, entretanto a afirmação é tida pela repórter e consolida uma proposta de guerra e desentendimento entre nações.

Na reportagem “Esquerda tenta vitória inédita em El Salvador” o repórter William Booth desenvolve um clima negativo à figura do candidato da esquerda. “Apesar de os membros da FMLN fazerem campanha tradicionalmente vestidos de vermelho, Funes prefere uma camisa panamá branca, calça jeans da moda e óculos de grife. E mesmo num partido cuja retórica está mais próxima do estilo dos irmãos Castro, de Cuba, Funes se considera a versão local do presidente americano, Barack Obama.” A construção da imagem de Funes vai além de negativo, o repórter insinua ao leitor o comprometimento ideológico do partido do candidato ao sistema político cubano.

⁷ Não houve reportagens a serem analisadas na Folha de S. Paulo que indicassem comprometimento com o conceito de alteridade.

⁸ A introdução de parágrafo é um recurso técnico no jornalismo para ganhar o leitor no primeiro parágrafo da reportagem impressa. Na introdução utiliza-se de texto criativo e a abordagem desvincula-se do tema principal a ser desenvolvido ao longo da reportagem, entretanto no final da introdução de parágrafo o repórter dá indícios de um dos elementos que faz parte do tema, ou melhor, do fato gerador de interesse da reportagem. Para saber mais sobre o recurso técnico consultar Oswaldo Coimbra, O texto da reportagem impressa, 2004.

No desenvolvimento da reportagem Booth afirma:

“Se vencer hoje, Funes colocará outro Estado latino-americano na trilha da ‘maré rosa’ que já chegou a Brasil, Chile, Venezuela, Equador, Bolívia, Uruguai e Nicarágua, onde partidos de esquerda venceram as eleições nos últimos anos. Mas a pergunta que ocupa as mentes dos eleitores, de acordo com entrevistas, e pesquisas de opinião, refere-se ao tipo de esquerda que ele representa. Será a esquerda democrática, globalizada, empresarial e moderada que se mostra amigável aos EUA, como a brasileira? Ou a esquerda populista que antagoniza os Estados Unidos, como se vê na Venezuela?”

Nos dois parágrafos citados há claras abordagens de confronto em relação ao candidato salvadorenho, denotando a ausência de alteridade e despreocupação em construir um cenário especulativo sobre o futuro político do país e as possíveis relações internacionais.

Um agravante é terminar a reportagem com: “O direitista Ávila diz que Funes é um fantoche que servirá aos seus verdadeiros mestres – a linha-dura da FMLN que quiere (sic) fazer de El Salvador um satélite venezuelano, sob a influência do presidente Hugo Chávez.” Por ser o último parágrafo a insistência na previsão do futuro de alianças políticas entre El Salvador e Venezuela permite a afirmação de sugerir também que El Salvador será “inimigo” dos EUA, assim como segundo a reportagem a Venezuela é para o país americano.

No domingo, 22 de março, o Estado de S. Paulo⁹ com dez páginas de conteúdo jornalístico, inicia na reportagem: “Presidente ameaça até cervejaria”, a informação sobre as ameaças do presidente Hugo Chávez de expropriar a fabricante de cerveja e alimentos Polar, a maior empresa privada da Venezuela. A repórter Ruth Costas no final da reportagem afirma: “Com uma fortuna de US\$5 bilhões, o presidente da Polar, Lorenzo Mendonza, é o símbolo de uma classe que Chávez quer destruir.” O verbo destruir no final do parágrafo sugere o ato de Chávez como exterminador e por meio dessa opinião da repórter cria-se um clima no final da reportagem de descrédito e malevolência em relação às possíveis decisões de Chávez à Venezuela. A falta de multiplicidade na reportagem leva a ausência da alteridade.

A Folha de S. Paulo¹⁰, do domingo 29 de março, com oito páginas de conteúdo, apresenta na reportagem “Crise une operários e campo contra Cristina”, realizada pelo

⁹ Não houve reportagens a serem analisadas na Folha de S. Paulo que indicassem comprometimento com o conceito de alteridade.

¹⁰ Não houve reportagens a serem analisadas no Estado de S. Paulo que indicassem comprometimento com o conceito de alteridade.

repórter Thiago Guimarães, a informação sobre a união de metalúrgicos e ruralistas para convencer o governo argentino a baixar os impostos no setor rural, em razão da péssima safra (em decorrência da seca e de problemas econômicos advindos da atual crise mundial). Nesse sentido Guimarães intensifica o desencontro diplomático do governo com os setores citados, desde o “contra” do título até nas frases: “Campo e governo estão em *guerra* na Argentina desde março de 2008” e “Os produtores pararam de investir e o conflito com o governo ressuscitou – os ruralistas encerraram ontem o *sétimo locaute sob Cristina*.” O termo “em guerra” e “sétimo locaute sob Cristina” supracitados em itálico denotam um discurso baseado na ideia de confronto, além de intensificar o clima já antidiplomático entre os personagens o repórter acentua em: “sétimo locaute sob Cristina” a rivalidade, e sugere a perda de uma batalha pela presidenta Cristina, e mais, no suplício de final de luta. As terminologias utilizadas geram enfrentamento entre as partes, mais intensamente, o próprio fato de estarem prolongando um problema entre agricultura e governo já demonstraria o cenário em que os argentinos estão vivendo, agora negativizar ainda mais essa dualidade é tender contra a alteridade e torcer pelo desajuste social no local.

Conclusões

De acordo com o material analisado percebe-se que existe a problemática da ausência da alteridade em razão da presença do discurso de confronto e disputa hegemônica. Das reportagens e notícias analisadas o material em que se visualiza o discurso com falta de multiperspectivismo varia a cada edição, entretanto ao chegar à finalização do artigo é significativo o tamanho do corpus analisado, bem como a presença maior de material jornalístico para a análise do Estado de S. Paulo.

A importância da alteridade nos discursos midiáticos é intensa, pois ao pensar que é ela o norte da formação das identidades. “É sempre a reflexão acerca da alteridade que procede e permite toda definição identitária” (Auge apud ARRUDA, 2002, p.49). Ou seja, sem a alteridade não é possível ocorrer a identificação das identidades, além então do discurso das mídias analisadas estarem confrontando contextos, países, pessoas e, mesmo, morais, ocorre uma segunda problemática: a fragilização da formação das identidades, hoje, a partir da ausência de alteridade na visualização do outro, numa perspectiva múltipla e contextual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Luciana. 'Regenerado', Kadafi supera isolamento líbio. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-19, 01 de março 2009.

ARRUDA, Ângela (org.). **Representando a alteridade**. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p.13-30.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BONET, Pillar. Medvedev tenta marcar estilo próprio no Kremlin. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-16-7, 01 de março 2009.

BOOTH, William. Esquerda tenta vitória inédita em El Salvador. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-18, 15 de março 2009.

BROOKS, David. Assessores de Obama têm muitos planos, mas, ao tentar resolver tudo, podem não fazer nada bem. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-12, 01 de março 2009.

CHACRA, Gustavo. Turquia acena para mundo islâmico. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-16, 08 de março 2009.

----- Muçulmanos põem em xeque preceitos de 'pai' da pátria. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-16, 08 de março 2009.

CHÁVEZ ocupa beneficiadoras de arroz. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-19, 01 de março 2009.

COSTAS, Ruth. Presidente ameaça até cervejaria. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-14, 22 de março 2009.

COSTAS, Ruth. Raúl militariza governo contra crise. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-18, 08 de março 2009.

DÁVILA, Sérgio. Instabilidade econômica vira caso de política. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.A-16, 08 março 2009.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa Qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p.245-255.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. 3.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003. p.17-29.

GUIMARÃES, Thiago. Crise une operários e campo contra Cristina. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p.A-16, 29 março 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: Editora EDUSC, 2001.

MELLO, Patrícia Campos. Obama adota diplomacia agressiva. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-12, 01 de março 2009.

MCCRUMMEN, Stephanie. Em ato de fé, ex-rebeldes voltam para Ruanda. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-19, 01 de março 2009.

MIRANDA, Renata. EUA investem em defesa cibernética. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-13, 15 de março 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. (org). in **Imprensa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 366p. – (Coleção Comunicação).

MURTA, Andrea. Obama põe educação no topo de agenda e planeja. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. A-18, 01 de março 2009.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Manual de metodologia para elaboração de relatório de qualificação, dissertação de mestrado e tese de doutorado**. São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista, 2005.

PRADO, José Luis Aidar. **A invenção do mesmo e do outro na mídia semanal**. PUC-SP, São Paulo, 2008, 1 CD-ROM.

ROBERTSON, Campbell; GLANZ, James. Queda do petróleo mina reconstrução do Iraque. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-13, 01 de março 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 3.ed. Rio de Janeiro. Editora Record. 1999.

----- **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, SP: Editora Vozes, 2000. p.103-131.

SPIEGEL, Der. ‘Com Obama, relações será mais fácil’. **Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-15, 01 de março 2009.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**. 1.ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991. p.35-53.